

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Do celular proibido ao Instagram pedagógico: estratégia assíncrona para engajamento de alunos com uso das TIDCs

Juliana Costa Khouri, João Marcos Borges Mattos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15168>

Submetido em: 2026-02-21

Postado em: 2026-03-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Artigo

DO CELULAR PROIBIDO AO INSTAGRAM PEDAGÓGICO: ESTRATÉGIA ASSÍNCRONA PARA ENGAJAMENTO DE ALUNOS COM USO DAS TIDCS

JULIANA COSTA KHOURI¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7324-4298>
<khouri.juliana@gmail.com>

JOÃO MARCOS BORGES MATTOS²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2979-943X>
<matteduc76@icloud.com>

¹ Centro Universitário UNINCOR, Três Corações (MG) e Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG, Formiga (MG), Brasil.

² Centro Universitário UNINCOR. Três Corações (Minas Gerais), Brasil.

RESUMO: Este artigo relata uma experiência pedagógica realizada em 2024 com 48 alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública mineira, antes da vigência da Lei 15.100/25, que proíbe celulares nas escolas. O objetivo foi avaliar o potencial do Instagram como ferramenta didática para discutir violência escolar, utilizando estratégias síncronas e assíncronas, investigando seu impacto no engajamento e na conscientização dos alunos. A pesquisa descritiva, de natureza aplicada com abordagem quantitativa, empregou observação participante e questionários pré e pós-intervenção por meio das interações em perfil privado da rede social. Os resultados indicam que 97,9% dos alunos consideraram o Instagram viável para aprender sobre violência; 91,6% relataram melhora na compreensão do tema; e 87,5% preferiram métodos híbridos (tradicional + digital). Conclui-se que, mesmo com a nova legislação, as TDICs podem ser integradas pedagogicamente de forma assíncrona e mediada, constituindo um "terceiro espaço" de aprendizagem que promove protagonismo, reflexão e desenvolvimento de competências digitais.

Palavras-chaves: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação; Violência escolar; Instagram; Ensino médio; Prática pedagógica.

FROM THE FORBIDDEN CELL PHONE TO THE PEDAGOGICAL INSTAGRAM: ASYNCHRONOUS STRATEGY FOR STUDENT ENGAGEMENT USING DCTS

ABSTRACT: This article reports on a pedagogical experience carried out in 2024 with 48 final-year high school students from a public school in Minas Gerais, Brazil, prior to the enactment of Law 15.100/25, which prohibits cell phone use in schools. The study aimed to assess the potential of Instagram as a teaching tool for discussing school violence, using synchronous and asynchronous strategies to investigate its impact on student engagement and awareness. The research, applied in nature with a quantitative approach, employed participant observation and pre- and post-intervention questionnaires administered through interactions on a private class profile on the platform. The results indicate that 97.9% of students considered Instagram a viable medium for learning about violence; 91.6% reported a better understanding of the topic; and 87.5% expressed a preference for hybrid methods (traditional + digital). The study concludes that, even under the new legislation, DICTs can be pedagogically integrated

in an asynchronous and mediated manner, constituting a "third space" for learning that fosters student agency, reflection, and the development of digital competencies.

Keywords: Digital Information and Communication Technologies; School violence; Instagram; High school; Pedagogical practice.

DEL TELÉFONO PROHIBIDO AL INSTAGRAM PEDAGÓGICO: ESTRATEGIA ASÍNCRONA PARA LA PARTICIPACIÓN DE ESTUDIANTES CON EL USO DE LAS TDC

RESUMEN: Este artículo relata una experiencia pedagógica llevada a cabo en 2024 con 48 alumnos del último año de Enseñanza Media de una escuela pública de Minas Gerais (Brasil), antes de la entrada en vigor de la Ley 15.100/25, que prohíbe el uso de teléfonos celulares en las escuelas. El objetivo fue evaluar el potencial de Instagram como herramienta didáctica para abordar la violencia escolar, utilizando estrategias sincrónicas y asincrónicas, e investigar su impacto en la participación y la concientización de los estudiantes. La investigación, de naturaleza aplicada con enfoque cuantitativo, empleó la observación participante y cuestionarios previos y posteriores a la intervención, aplicados mediante interacciones en un perfil privado de la red social. Los resultados indican que el 97,9% de los alumnos consideró viable el uso de Instagram para aprender sobre violencia; el 91,6% reportó una mejora en la comprensión del tema; y el 87,5% manifestó preferencia por métodos híbridos (tradicional + digital). Se concluye que, incluso con la nueva legislación, las TDIC pueden integrarse pedagógicamente de forma asincrónica y mediada, constituyendo un "tercer espacio" de aprendizaje que fomenta el protagonismo, la reflexión y el desarrollo de competencias digitales.

Palabras clave: Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación; Violencia escolar; Instagram; Enseñanza media; Práctica pedagógica.

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa realizada em 2024, antes da vigência da lei 15.100/25, que dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos celulares nas escolas, buscou verificar o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), com foco na rede social *Instagram*, como uma ferramenta pedagógica (Brasil, 2025a).

A questão investigada foi “como promover a compreensão, sensibilização, reflexão e debate sobre a violência nas escolas de educação básica utilizando as TDICs como ferramentas pedagógicas, e de que maneira o aumento do interesse dos alunos com recursos digitais pode influenciar nessas intervenções?”, partindo da hipótese de que a aplicação das TDICs na educação básica pode aumentar o interesse dos alunos e criar um ambiente propício à conscientização sobre a violência. A pesquisa propôs a utilização do Instagram como plataforma central para essas intervenções pedagógicas para abordar e promover a prevenção da violência escolar, e verificou o potencial da rede social, ainda que de forma assíncrona, como forma de incentivar o protagonismo, engajamento e criatividade nas atividades escolares.

A justificativa para o estudo reside na necessidade urgente de desenvolver métodos pedagógicos que integrem as novas tecnologias para enfrentar problemas complexos como a violência escolar. A metodologia adotada inclui a observação participante e a aplicação prática do *Instagram* em atividades educativas em escolas de educação básica, com o objetivo de avaliar o impacto dessas intervenções no comportamento e na percepção dos alunos sobre a violência. O objetivo principal é avaliar a capacidade das TDICs em promover um ambiente escolar mais engajado e consciente, utilizando o *Instagram* como uma ferramenta educativa inovadora.

Os resultados da pesquisa sugerem uma correlação positiva entre o uso do *Instagram* e o aumento do engajamento dos alunos em discussões sobre violência. Estes dados indicam que as TDICs podem desempenhar um papel relevante como ferramenta pedagógica, com foco na discussão e prevenção da violência no ambiente escolar, bem como na abordagem de outros temas.

Contextualização

Indicadores e notícias de jornais apontam o aumento da incidência de violência nas escolas. Em veículos de comunicação digital podem ser encontradas manchetes jornalísticas com títulos como: “Menina de 13 anos suspeita de planejar massacre em escola é apreendida com espingarda e revólver” (Lázaro Júnior, 2023); “Professora morre e 4 ficam feridos: aluno com faca faz ataque em escola de SP” (Professora morre [...], 2023); “Ataque em escolas deixa três mortos e 13 feridos em Aracruz” (Oliveira; Nobres; Lopes, 2023); “Crescem casos de ataques em escolas: especialistas dizem o que fazer” (Rodrigues, 2023); “Brasil teve mais de 10 ataques a creches e escolas desde 2011, lembre” (Brasil teve [...], 2023); “Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil” (Frazão, 2023); “Brasil tem 24 ataques em escolas em duas décadas; relatório cobra políticas públicas” (Santos, 2023); “Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar: veja dados sobre agressão contra professores” (Brasil tem [...], 2023); “Ameaça de massacre leva à debandada de alunos e até remarcação de prova em BH” (Camilo, 2023).

Diante das notícias e dados sobre o tema, o Instituto de Pesquisa DataSenado produziu em 2023 um documento que relata que dos 59,8 milhões de estudantes brasileiros, 6,7 milhões enfrentaram algum tipo de violência escolar em um recorte de 12 meses, representando 11% do total de alunos no país (Brasil, 2023).

São diversas as justificativas para as causas da violência na escola, entre elas as reproduções da vivência do indivíduo em outros ambientes, problemas familiares e financeiros, ausência de políticas públicas, exposição a manifestações de violência nos meios de comunicação, dentre vários outros motivos. Assim sendo, esta realidade é assunto que envolve toda a sociedade, em seus diversos segmentos, seja administração pública, segurança, educação, saúde, e outros mais, de forma tornar-se necessária uma atuação integrada, a fim de que os estudantes tenham segurança no espaço escolar, bem como qualidade de vida para eles próprios, suas famílias e a comunidade (Barbieri; Santos; Avelino, 2021).

Em relação à escola e às práticas educativas, o combate e a prevenção das ações violentas são também responsabilidade das instituições de ensino, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira Lei nº 9394/ 1996. Segundo a legislação, é incumbência dos estabelecimentos de ensino promover “medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas” (Brasil, 1996, Artigo 12º, inciso IX).

Desta maneira, tratar a prevenção da violência no ambiente escolar não envolve apenas o combate e punição de suas práticas. Uma perspectiva válida realça a importância de se abordar o assunto, elencando suas causas, impactos e consequências, a fim de conscientizar o indivíduo em formação escolar. “[...] é importante que os programas de prevenção à violência ampliem a reflexão sobre as variáveis intervenientes na violência escolar, incorporando reflexões como as condições concretas de vida, os valores, os preconceitos e a questão política e ideológica” (Silva; Salles, 2010).

Para este fim, a presente investigação se faz valer do uso das TDICs como estratégia e recurso didático que desperte o interesse e engajamento do estudante. Esta utilização considera a relação entre o professor e o aluno de forma que este se posicione como protagonista na construção do conhecimento (Batista; Silva; Sousa, 2021).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Utilização da internet e tecnologias digitais no Brasil

A utilização de da internet e das redes sociais vêm crescendo significativamente nos últimos anos. Entre 2015 e 2024, a frequência de acesso à internet por crianças e adolescentes teve um crescimento de onze pontos percentuais entre aqueles que usavam a internet todos os dias ou quase todos os dias, 95% em 2024 e 85% em 2015 (CGI.br, 2025).

Verificou-se em 2024 que cerca de 24,5 milhões de pessoas de 9 a 17 anos eram usuárias de Internet no Brasil (93%). Os resultados indicaram que as plataformas digitais mais utilizadas e com maior frequência por usuários de Internet de 9 a 17 anos foi *WhatsApp* (71%), seguida pelo *YouTube* (66%), pelo *Instagram* (60%) e pelo *TikTok* (50%) (CGI.br, 2025, p. 21).

Em se tratando de jovens com 15 a 17 anos, o *WhatsApp* (91%) e o *Instagram* (81%) foram as plataformas acessadas mais frequentemente (CGI.br, 2025, p. 22).

Dados como estes, validam o que dizem Oliveira e Barroco (2023) ao afirmar que “os nativos digitais utilizam os smartphones como ferramenta central de interação” (*apud* Silva; Silva; Xavier, 2025, p.10).

“O *smartphone*, desde que se tornou um bem comum, tem feito com que, principalmente, a geração de nativos digitais, a qual desconhece outro mundo que não o das TDICs, se relacione, se informe e até administre a sua vida por intermédio dessa ferramenta” (Oliveira; Barroco, 2023, p.3).

O que se pode afirmar com estes indicadores, é a relevância das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação para a vida das pessoas e na mediação de suas relações interpessoais, inclusive no espaço escolar.

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação: transformações, habilidades e restrição

Considerando o uso massivo da internet e redes sociais, na escola e fora dela, o aluno passou a ser também um produtor de conhecimentos. A partir do momento que o aluno utiliza de TDICs e estabelece conexões, ampliam suas relações e informações do mundo ao seu redor. Portanto, no espaço escolar, o professor não é mais o único detentor de conhecimentos. Desta maneira, o fluxo de informação no processo ensino-aprendizagem transforma-se. O acesso a novas informações deixa de ser uma exclusividade do professor, que antes naturalmente posicionava-se como transmissor de informações para o indivíduo em formação.

O avanço das TDICs provocou transformações profundas no cenário educacional, reconfigurando o papel do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem (Lima, 2019).

Atualmente, nos mais diferentes tipos de espaços e contextos referentes à educação, se discute a inserção das Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação (TDIC) no processo de ensino e aprendizagem. Quando nos lembramos da sala de aula e o processo evolutivo deste espaço, nos reportando a origem da educação, nos vem em mente o quadro negro, giz branco, cadeiras enfileiradas, o professor como ser detentor do saber e ditador de regras e normas, estudantes passivos e meros receptores de informações. Porém sabe-se que essa realidade se modificou, e hoje já se tem o entendimento de colocar os discentes como protagonistas da construção ou de seus próprios conhecimentos (Lima, 2019, p. 108).

As TDICs disponibilizam uma gama diversificada de recursos que podem ser utilizados como ferramentas didático-pedagógicas dentro do espaço escolar, ou como sua extensão. E não se trata somente de recursos, como novos instrumentos, a serem aplicados ao perene contexto escolar, mas sim de utilizar tecnologias de comunicação e informação em consonância com o novo cenário educacional. E, assim, vislumbrar nas TDICs possibilidades pedagógicas de se promover a autonomia do estudante, seu posicionamento como protagonista do processo educacional, favorecer novas vertentes de conteúdos com significados vinculados à aplicação na vida real, reconfigurando a prática pedagógica (Lima, 2019).

Outras evidências apontadas por pesquisas no campo da educação e do ensino ressaltam estas transformações e fundamentam o propósito educacional de desenvolver de habilidades e

competências tecnológicas em estudantes da educação básica em todo o país, como apontam a legislações educacionais brasileiras, por exemplo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018).

É preciso garantir aos jovens, aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais (Brasil, 2018, 473-475).

Desta forma, ainda que a utilização dos celulares, smartphones e outras TDICs seja uma realidade que caracteriza as relações humanas no século XXI e impacta a sociedade em seus diversos aspectos, as vantagens e desvantagens de sua utilização no espaço escolar vêm sendo estudadas e avaliadas. “Seu uso em sala de aula é tema controverso: pode comprometer o foco dos estudantes, mas também oferece recursos valiosos para o ensino” (Silva; Silva; Xavier, 2025, p. 2).

Os recursos tecnológicos digitais passaram a ser efetivamente utilizados em sala de aula, com o advento da pandemia do covid-19. Na ocasião, as instituições educacionais tiveram que reformular suas estratégias para possibilitar o processo ensino-aprendizagem, no âmbito virtual. Ferreira de Melo e Coutinho (2022) afirmam que a pandemia foi determinante para o “despertar de um novo olhar dos professores para os recursos tecnológicos que, por muito tempo, estavam disponíveis, porém, não utilizados frequentemente” (Ferreira de Melo; Coutinho, 2022, p.1082).

No entanto, se por um lado essas tecnologias abrem possibilidades inéditas para práticas pedagógicas inovadoras, por outro, a literatura tem alertado consistentemente para os riscos associados ao seu uso excessivo e desregulado, especialmente entre crianças e adolescentes (Souza; Cunha, 2019). É precisamente essa dualidade - entre o potencial transformador e os riscos à saúde e ao aprendizado - que tem polarizado o debate educacional contemporâneo.

O uso e a proibição de celulares nas escolas no Brasil

Por outro lado, pesquisas apontam para os danos que o uso excessivo dessas tecnologias pode provocar nos hábitos dos estudantes, influenciando seu desempenho acadêmico e bem-estar (Silva; Silva; Xavier, 2025, p.3).

Uma pesquisa publicada em 2019, indicou uma série de impactos que o uso excessivo das *tecnologias* digitais provoca na saúde mental, especialmente para indivíduos na faixa etária escolar. Estes efeitos negativos estão relacionados “a sintomas e comportamentos apresentados nos jovens que utilizam as mídias sociais de maneira desenfreada”. O que se percebeu foram consequências que vão desde a danos posturais até *cyberbullying* e depressão, estes últimos como principais riscos para o uso excessivo das tecnologias digitais; levando ainda a alterações de humor e comportamento (Souza; Cunha, 2019, p. 213).

Estes apontamentos são corroborados por indicativos, tal como o PISA 2022. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que oferece informações sobre o desempenho dos estudantes na faixa etária dos 15 anos (INEP, 2026). Segundo os indicadores de 2022, 80% dos estudantes afirmam que o celular prejudica sua concentração em sala de aula, especialmente em matemática (Pimentel, 2023).

Foi este o cenário que motivou a proibição dos celulares na sala de aula da educação básica brasileira. Diante desta realidade, o Legislativo aprovou uma lei que restringe o uso de celulares nas escolas. A Lei Federal nº 15.100/2025 estabelece que “fica proibido o uso, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante a aula, o recreio ou intervalos entre as aulas, para todas as etapas da educação básica” (Brasil, 2025a, art. 2º).

Entretanto, esta determinação, bem como seus propósitos relacionados aos impactos negativos no aprendizado, na concentração e na saúde mental dos jovens (Brasil, 2025b), não invalida o potencial pedagógico que as tecnologias de informação e comunicação têm.

Conforme argumentam Silva, Silva e Xavier (2025, p. 2), o uso do celular em sala de aula é um 'tema controverso', pois 'pode comprometer o foco dos estudantes, mas também oferece recursos

valiosos para o ensino'. A literatura educacional sustenta que o problema não reside na ferramenta tecnológica em si, mas na finalidade e na mediação de seu uso.

Esta distinção é fundamental. Enquanto Souza e Cunha (2019) alertam para os perigos do uso 'desenfreado' e sem orientação, autores como Batista, Silva e Sousa (2021) e Trindade et al. (2023) demonstram o êxito de experiências pedagógicas onde as TDICs são utilizadas de forma planejada, com objetivos claros e mediação docente ativa. Nesses casos, a tecnologia deixa de ser um agente de dispersão e se transforma em um catalisador do protagonismo e da criatividade.

Portanto, a Lei 15.100/25, ao invés de representar um retrocesso para a inovação pedagógica, pode ser interpretada como um marco regulatório que convoca a escola a ressignificar o uso das tecnologias. O desafio que se impõe não é mais o de permitir ou proibir, mas o de como integrar as TDICs de maneira significativa, transformando o 'celular proibido' em uma ferramenta pedagógica legítima, utilizada em momentos assíncronos, ou até mesmo de forma síncrona, e para fins específicos, tal como proposto na intervenção com o Instagram descrita neste artigo. É nesse hiato entre o risco e o potencial que a prática pedagógica mediada pode encontrar o seu lugar.

O potencial pedagógico das TDICs: intervenções educacionais com redes sociais

Em uma sociedade fortemente midiaticizada, os antigos moldes educacionais, de disciplina e de aquisição de conhecimento entraram em colapso. As transformações sociais advindas da utilização das tecnologias digitais e dispositivos eletrônicos impactaram fortemente a relação entre os atores do ambiente escolar, no que se refere à relação de ensino-aprendizado (Marino, 2018).

O mundo mudou, os jovens mudaram, as tecnologias evoluíram, no entanto, as instituições de ensino continuam operando por meio de processos criados no passado. No mundo interconectado, nossa relação com os saberes mudou. A internet e as conexões produzidas pelas chamadas 'redes sociais' tornaram o acesso ao conhecimento muito mais democrático do que foi no passado (Marino, 2018, p. 27).

Diante da realidade do desinteresse dos estudantes em relação aos moldes tradicionais de ensino, torna-se evidenciado o "descompasso entre os jovens e os velhos mecanismos disciplinares e desvela uma nova relação com os saberes" (Marino, 2018, p. 23).

A internet é uma ferramenta que desempenha um papel fundamental na vida de pessoas em todo o mundo, transformando a maneira como elas se comunicam, aprendem, trabalham e se divertem.

Estudos vêm sendo feitos para testar os diversos recursos das tecnologias de informação e comunicação como ferramentas pedagógicas, bem como para aferir sua eficácia, nos diversos âmbitos, modalidades e níveis de escolaridade. Uma pesquisa realizada com alunos de cursos técnicos do IFPB (Instituto Federal de Educação da Paraíba), em 2019, buscou investigar se a adoção de tecnologia como recurso didático na disciplina de Língua Portuguesa influencia no processo ensino-aprendizagem, implicando melhoria no processo de aquisição de conhecimento (Batista; Silva; Sousa, 2021).

Foram realizadas atividades pedagógicas com e sem a utilização das tecnologias, objetivando trabalhar conteúdos de leitura e interpretação de crônicas, interpretação e produção de microcontos. E o resultado foi positivo, em relação ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. Verificou-se que o uso da tecnologia torna o ambiente de aprendizagem mais interessante e diferente em relação aos padrões tradicionais. Em consequência disso, foi verificada a melhoria no desenvolvimento acadêmico dos estudantes envolvidos. Outros aspectos significativos são quanto ao aumento no grau de atenção e participação dos alunos na atividade escolar, bem como na melhoria da qualidade da interação entre os alunos (Batista; Silva; Sousa, 2021).

Uma outra experiência que pode ser mencionada refere-se à utilização das TDICs nas aulas de História e Projeto de Vida, realizada em escola estadual do Rio Grande do Norte, no ano de 2022. A pesquisa visou reconhecer como o uso das tecnologias pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem (Trindade; Sobrinho; Garcia; Garcia, 2023).

A pesquisa teve em uma de suas etapas a criação de um mural na escola com os desenhos produzidos associados à temática e a produção de um vídeo na plataforma *TikTok*, consolidando o

aprendizado proposto pelo docente. Segundo os pesquisadores, a utilização da plataforma de mídias sociais possibilitou que os alunos vislumbassem exemplos práticos e estimulassem sua criatividade, fazendo assim, o aprendizado mais “envolvente, interativo e significativo” (Trindade; Sobrinho; Garcia; Garcia, 2023, p. 208).

Observou-se que, dentre os valores identificados pela utilização das tecnologias digitais, estão o de ter tornado a sala de aula mais atrativa e interativa para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Publicado em 2020, o trabalho intitulado “Contribuições das redes sociais da internet para o ensino de Ciências” elencou uma série de pesquisas publicadas em revistas científicas brasileiras classificadas com A1 e A2 no Qualis da Capes que abarcam o tema. O estudo traz observações feitas em diferentes países, quanto à utilização das redes sociais para o ensino. Segundo a pesquisa, as redes sociais, entre elas o *Facebook*, o *Instagram* e o *Youtube*, estão modificando a forma como as pessoas se relacionam, promovendo a aproximação ou até mesmo a “junção” dos mundos on-line e off-line. E, desta forma, as redes sociais podem ser utilizadas como um meio de interação entre “professor-aluno, aluno-conteúdo, professor-conteúdo e professor-aluno-conteúdo” (Santos; Leite, 2020, p. 2).

Segundo Santos e Leite (2020), as redes sociais são um ambiente favorável para formação de comunidades de aprendizado colaborativo. Nestas circunstâncias, consideram a relevância de haver um mediador nos espaços virtuais propostos para aprendizagem colaborativa. O estudo aponta ainda que a utilização de dispositivos móveis pode auxiliar nas atividades educacionais, já que oferece a possibilidade de o aluno acessar conteúdos complementares, facilitando a contextualização dos assuntos abordados e possibilitando aumentar o engajamento dos participantes.

Oliveira e Costa (2023) realizaram um estudo avaliando a aprendizagem nas redes sociais, tendo como análise o uso do *Instagram* como prática pedagógica sob uma perspectiva de avaliação mediadora. Os resultados indicaram que o uso dessa rede social foi positivo, especialmente pelo fato de evidenciar os estudantes como centro do processo de aprendizagem. As autoras ressaltam que as redes sociais desempenham um papel importante na compreensão dos interesses e expectativas dos alunos. Elas ajudam a estabelecer vínculos afetivos, empatia e uma conexão emocional, que facilita a comunicação e aproxima professores e alunos, além de auxiliar na identificação dos temas a serem abordados em sala de aula.

Nos casos analisados, observa-se que além dos temas propostos nas atividades escolares, há o desenvolvimento de habilidades comunicacionais no ciberespaço, por meio das interações sociais, a alfabetização digital e a construção de identidades, ampliando horizontes para a realidade que ocorre fora das salas de aula. Dentre outros impactos positivos que foram indicados, estão ainda o aprendizado social, o desenvolvimento da autonomia e o engajamento ativo dos estudantes (Santos; Leite, 2020).

A capacidade educacional das redes sociais é evidenciada pelo amplo potencial comunicativo que oferecem. Utilizando as redes sociais, os professores podem reconsiderar e adaptar suas práticas pedagógicas de avaliação, tornando-as mais diversificadas, flexíveis e atraentes para os estudantes (Oliveira; Costa, 2023).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que deu origem a este relato de experiência foi realizada no período letivo do ano de 2024 junto aos estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio da Escola Estadual Padre José Sangali, situada na cidade de Córrego Fundo, região centro-oeste de Minas Gerais. A instituição é a única escola estadual e a única que oferece o Ensino Médio no município. Para a investigação, foram selecionadas as duas turmas de terceiros anos do Ensino Médio, tendo em vista a maturidade em manusear as ferramentas de tecnologia digital (Córrego, 2024; Escola, 2022).

A proposta de pesquisa desenvolvida foi de natureza aplicada, seguindo uma abordagem quantitativa conforme o método descritivo, associada à pesquisa bibliográfica e observação participante. As observações dos sujeitos da pesquisa se deram por meio de amostragem de comportamentos de duas classes de terceiros anos, 3º regular 1 e 3º regular 2, com 23 e 25 alunos respectivamente, do Ensino Médio. Além da observação, a coleta de dados antes e após a aplicação da proposta educacional,

possibilitaram a realização do estudo descritivo, do qual decorre este relato (Gil, 2022; 2024). As questões foram respondidas por questionários do Google Forms, após confirmação de termo de consentimento livre e esclarecido dos participantes.

A aplicação atendeu aos requisitos de ética. Os questionários e escopo do estudo foi avaliado pelo Conselho de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Unincor e não apresentou ressalvas ou condições para a coleta de dados junto aos sujeitos da pesquisa. A aprovação ao projeto e questionários foi formalizada pelo parecer de número 6.901.866. A escola autorizou a aplicação da pesquisa, após parecer favorável do Conselho de ética em pesquisa. Os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme exigência da Resolução CNS 510/2016 e o anonimato foi garantido.

As fases de execução envolveram observação, análise situacional, abordagem didática com TIDCs, análise e discussão dos resultados, desenvolvimento de um produto técnico-tecnológico e elaboração das considerações finais.

Observação

A investigação foi iniciada com uma iniciativa de observação. Foi criado um perfil privado no Instagram identificado como “Filosofia_3oano_Sangali”, gerenciado pela professora regente da disciplina de Filosofia, e os alunos foram orientados a estabelecer conexões com o perfil. Somente estavam vinculados ao perfil os alunos dos terceiros anos que participavam da execução da pesquisa, sendo, desta maneira, uma espécie de comunidade exclusiva, no âmbito do Instagram.

Por meio do perfil, foram experimentadas ações de forma a estabelecer o espaço virtual como extensão da sala de aula. Foram feitas enquetes, divulgação de músicas e conteúdo jornalístico, com o propósito de sensibilizar os alunos, para assuntos que seriam desenvolvidos na sala de aula. Daí foi dada a partida para a aplicação da pesquisa.

Análise situacional

A próxima etapa da aplicação da pesquisa foi a primeira coleta de dados, com objetivo de fazer o que se denominou ‘análise situacional’. Nesta fase, foi feita uma a investigação teve como objetivo identificar as características das turmas, em relação aos temas abarcados pelo estudo. Foram dadas 25 questões que tratavam de conhecimentos e habilidades relacionadas às TIDCs e suas práticas, além do tema violência escolar, que era o assunto que seria explorado na intervenção educacional.

O questionário “Análise situacional” foi respondido por 48 alunos, distribuídos entre os gêneros feminino (54,2%) e masculino (45,8%). A análise da faixa etária dos participantes revelou uma predominância de alunos com 17 anos (79,2%). Destes alunos, verificou-se que 97,2% demonstram conhecimento e habilidade no uso de recursos tecnológicos comuns, como computador, *tablet* e celular. Além disso, 95,83% afirmaram utilizar o celular na escola.

Dentre as questões apresentadas nesta primeira coleta de informações, alguns dados se destacaram. Foi verificado que as redes sociais integram, em grande parte, o interesse dos alunos, mesmo durante as atividades escolares. Os respondentes contemplaram as opções sugeridas quanto às possíveis utilizações do telefone celular durante a aula, na seguinte proporção: conversar com amigos pelo *WhatsApp* (10,42%), desenvolver atividades escolares (22,92%), interagir nas redes sociais (29,17%) e pesquisar conteúdos (37,50%).

E, mesmo com o alto índice de uso de celulares para uso de redes sociais em sala de aula, observou-se que apenas 4,17% disseram que as redes sociais são utilizadas pelos professores para fins de aprendizagem. Em comparação com outros recursos, como utilização de sites de pesquisa 43,75% e exibição de vídeo 52,08%.

Os respondentes, 97,92%, também manifestaram satisfação quanto a possibilidade de utilização de redes sociais para ensino e aprendizagem.

Discussão sobre o tema: abordagem didática síncrona e assíncrona

Em sequência, passou-se à discussão do tema proposto que foi “Violência na escola”. Nesta fase da intervenção educacional, foram realizadas atividades síncronas, em sala de aula, e assíncronas, por meio da rede social Instagram.

Inicialmente foi realizada de forma assíncrona. Os alunos foram informados de que haveria uma atividade postada no perfil da classe “Filosofia_3oano_Sangali”, para que todos participassem. O objetivo desta etapa foi engajar e acionar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a temática.

Diante da pergunta “Quando você pensa ou vê a expressão ‘violência na escola’, o que você imagina que seja?”, os estudantes apresentaram suas respostas na caixa de perguntas do *Instagram*, sendo algumas delas:

“Imagino briga física entre alunos, bullying e insultos verbais”.

“Que alguma pessoa esteja apanhando no ambiente escolar ou sendo vítima de insultos”.

“Eu imagino que seja briga entre alunos, ataque a professores e funcionários”.

“Me vem na cabeça uma violência física”

“Imagino tudo, jovens sendo espancados, palavras que magoam, racismo contra a cor de alguém”.

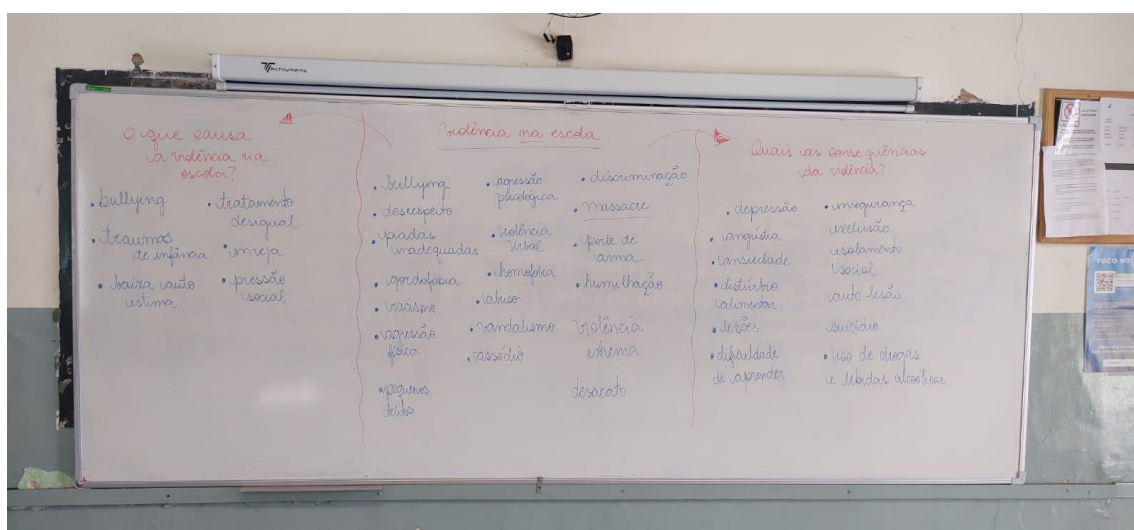
“Bullying e pancadaria para todo lado”.

“Brigas, discussões, etc”.

Em um segundo momento, a atividade ocorreu em sala de aula, de modo síncrono, sem uso dos celulares, também com o objetivo de identificar o conhecimento prévio dos estudantes. Foi feito um *brainstorm*¹, em que os alunos falaram palavras e expressões que caracterizavam o que é e como se manifesta a violência na escola. Esta atividade, entretanto, contou também com mais duas questões, além da que foi proposta no Instagram: quais eram as causas e quais eram os efeitos da violência na escola.

Durante esta aula, ocorrida em ambas as classes de terceiros anos, os alunos foram participativos, posicionando e comentando o que acreditavam ser as respostas às questões. As principais expressões apresentadas pelos discentes na oportunidade podem ser verificadas na imagem a seguir.

Figura 1 – Quadro com levantamento do conhecimento prévio dos alunos do 3º ano regular 1 durante aula síncrona sobre violência escolar, Córrego Fundo/MG, 2024



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

¹ *Brainstorm*: Técnica em que várias pessoas pensam sobre a mesma coisa, ao mesmo tempo, geralmente com o objetivo de resolver um problema ou para apresentar boas ideias (Dicio, 2026).

As nuvens de ideias levantaram as seguintes informações: 1) Sobre o que seriam formas de violência na escola: bullying, desrespeito, massacre, gordofobia, racismo, porte de arma, discriminação, humilhação, etc. 2) Quanto ao que causa a violência na escola: bullying, traumas de infância, tratamento desigual, inveja, pressão social, etc. 3) No que se refere às consequências da violência: depressão, transtornos psicológicos, vingança, insegurança, angústia, ansiedade, autolesão, uso de drogas e bebidas alcóolicas, suicídio, exclusão, etc.

Feito este levantamento, passou-se à abordagem didática com TIDCs, no caso, o Instagram, realizada de forma assíncrona.

Nesta fase de aplicação da pesquisa, o objetivo era apresentar conhecimentos formais, baseados em pesquisas, sobre o tema. Foram desenvolvidas quatro postagens, em momentos assíncronos, com imagens sequenciais (carrossel), com textos informativos, gráficos e infográficos, com a finalidade de oferecer informações por meio da rede social, com a instrução de que os alunos interagissem com a publicação, por meio de comentários na postagem, respondendo ao questionamento proposto.

A primeira publicação apresentou dados alarmantes sobre a violência escolar, para sensibilizar os alunos e fazê-los se envolverem na temática.

Dentre as informações divulgadas estavam dados que chamam a atenção para o aumento no número dos casos e para a gravidade do problema da violência na escola: "Estima-se que 6,7 milhões de estudantes sofreram violência no ambiente escolar nos últimos 12 meses"; "O que fazer para acabar com este problema? Mais da metade dos educadores já presenciou agressões físicas ou verbais de alunos a funcionários e professores. 11% dos diretores e 9% dos professores já sofreram ameaças de aluno. 6% dos diretores e 71% dos professores têm conhecimento de agressão verbal ou física entre os próprios alunos" (Brasil, 2023).

Associado à postagem sobre os dados indicativos quanto à violência na escola, estava o seguinte enunciado: "Veja as imagens do post e comente as duas questões abaixo: você acha alarmante a questão da violência nas escolas no país; e na sua opinião, é importante tratar do assunto nas escolas?"

As respostas dos alunos foram, em geral, sucintas e convergentes. Os estudantes concordaram que o tema é alarmante e destacaram a importância de abordá-lo com o objetivo de conscientizar sobre a questão.

"Sim, é muito importante que as escolas falem sobre o tema da violência para ajudar a prevenir e combater esses tipos de problemas. Isso ajuda a educar os alunos sobre os valores e o respeito, contribuindo para um ambiente mais seguro para toda a comunidade escolar".

"Sim, um assunto de extrema importância que deve ser tratado sempre nas escolas, para que todos fiquem cientes da gravidade e das consequências desse problema".

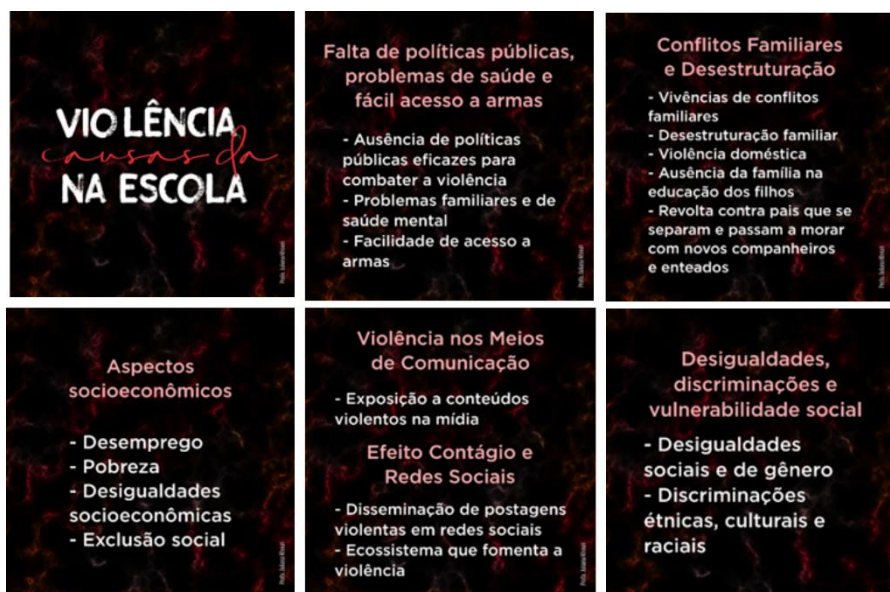
"Sim, a questão da violência nas escolas é alarmante. É essencial tratar o assunto nas escolas para garantir um ambiente seguro e propício ao aprendizado, além de promover a conscientização e a prevenção da violência entre os alunos".

A segunda publicação, igualmente fundamentada em estudos acadêmicos, abordou os diferentes tipos de violência na escola. Como essa informação já havia sido discutida em dois momentos anteriores, não foi solicitada uma resposta detalhada dos alunos. Em vez disso, eles foram convidados a reagir [curtir] e a se manifestar nos comentários, indicando que haviam lido a postagem.

As manifestações típicas de violência nas escolas são diversas e abrangem tanto danos ao espaço físico quanto agressões interpessoais. Entre as ocorrências mais comuns estão a depredação do patrimônio, vandalismo, pichações, brigas, bullying e cyberbullying, além de xingamentos, insultos, discriminações, intimidações e agressões de natureza física, verbal e psicológica. Somam-se a esses atos as incivildades, indisciplinas, uso e comércio de drogas, furtos e a presença de armas, que podem resultar em mortes. Esse conjunto de práticas revela a complexidade e a gravidade da violência no ambiente escolar, exigindo atenção e ação integrada de toda a comunidade educacional. (Barbieri; Santos; Avelino, 2021; Silva; Negreiros, 2020; Negreiros; D'Aroz, 2023; Gomes *et al*, 2023).

No terceiro momento de interação virtual, a postagem abordou as causas da violência na escola. Foram apresentadas aos alunos as principais razões verificadas em estudos e pesquisas para as ocorrências dos diferentes tipos de violência nas escolas.

Figura 2 – Postagem educativa sobre causas da violência escolar, publicada no perfil @Filosofia_3oano_Sangali, 2024



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

As causas da violência nas escolas são múltiplas e estão interligadas a fatores externos ao ambiente escolar. Entre elas, destacam-se os conflitos familiares e a desestruturação familiar, incluindo violência doméstica, ausência da família na educação dos filhos e revoltas decorrentes de separações; as desigualdades, discriminações e vulnerabilidade social, como desigualdades sociais e de gênero, além de discriminações étnicas, culturais e raciais; os aspectos socioeconômicos, como desemprego, pobreza e exclusão social; a violência nos meios de comunicação, com exposição a conteúdos violentos, efeito contágio nas redes sociais e disseminação de postagens agressivas; e a falta de políticas públicas, problemas de saúde e fácil acesso a armas, incluindo ausência de políticas eficazes, questões de saúde mental e facilidade de acesso a armamentos. Esses fatores, combinados, criam um ambiente propício para a reprodução de comportamentos agressivos dentro das escolas. (Negreiros; D’Aroz, 2023; Gomes *et al*, 2023; Barbieri; Santos; Avelino, 2021; Vinha, 2023; Paula e Silva; Salles, 2010).

Diante destas informações, os alunos foram instigados a responder ao seguinte questionamento: “A violência escolar é um fenômeno que tem suas raízes em diversos fatores: sociais, familiares e individuais. Antes de conhecer estas informações, você tinha uma compreensão diferente sobre as causas da violência escolar? O que achou desses novos pontos apresentados?”.

As respostas dos estudantes ao post expressaram em sua maioria estarem surpreendidos com as razões que estão associadas à violência nas escolas. Algumas respostas chamaram a atenção:

“Sim tinha uma visão bem diferente, mas após os posts e as aulas descobri algumas coisas que nem imaginava, é um assunto bem interessante e muito importante que fale sobre isso nas escolas e em todos os lugares pois conscientiza e evita muitas coisas ruins de acontecer”.

“Antes de estudarmos a violência e dos fatos apresentados, tinha uma visão muito restrita. Acredito que a maioria da violência escolar está ligada a reprimir [...]”.

“Eu tinha uma visão mais simplificada sobre as causas da violência escolar, muitas vezes associando apenas a questões individuais dos estudantes percebo que a violência nas escolas é um problema complexo. Muitas vezes não pesamos que estes pontos são fatores que levam a violência escolar”.

A quarta e última postagem com objetivo informativo abordou os efeitos da violência na escola, detalhando os diversos impactos que essa violência pode causar tanto nas vítimas quanto nos agressores. O tema também foi apresentado em postagens com imagens sequenciais (carrossel).

As consequências da violência escolar são profundas e atingem tanto vítimas quanto agressores em múltiplas dimensões. No plano da saúde física e mental, destacam-se problemas como hiperatividade, déficit de atenção, isolamento social, agressividade, baixa autoestima, estresse, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, transtorno de estresse pós-traumático e comportamentos autolesivos, incluindo o suicídio. Há ainda o risco de vítimas se tornarem agressoras, a criação de um ambiente de medo e insegurança, o aumento do consumo de álcool, o desenvolvimento de uma visão negativa da escola e prejuízos no desempenho escolar, como dificuldades de aprendizado, repetência, queda no rendimento e evasão. Esses impactos também comprometem a futura inserção dos alunos no mercado de trabalho, evidenciando a urgência de ações preventivas e de enfrentamento à violência nas escolas (Oliveira; Dutra; Ludgero, 2023; Barbieri; Santos; Avelino, 2021; Paula e Silva; Salles, 2010; Gomes *et al*, 2023).

Nesta ação, a atividade proposta foi: “A violência escolar tem efeitos profundos e duradouros tanto para as vítimas quanto para os agressores. Na sua opinião, qual dos efeitos apontados no post é mais grave? Comente!”

O objetivo da tarefa não teve a finalidade de aferir a opinião dos alunos sobre quais são as consequências mais sérias, mas sim de engajamento e apropriação da informação, bem como o seu posicionamento. Desta forma, as respostas foram sendo relacionadas pelos discentes à medida que enviavam seus comentários à postagem.

“Problemas psicológicos e emocionais como a depressão e a ansiedade”.

“Transformação de vítimas em agressores, desenvolvimento de doenças mentais e isolamento social e desespero”.

“Ansiedade e comportamentos autolesivos e suicídio”.

“As vítimas podem sofrer danos emocionais, físicos e psicológicos que podem persistir por toda a vida, afetando sua autoestima, confiança e desenvolvimento pessoal”.

“Desenvolvimento de doenças mentais, transformação de vítimas em agressores, problemas de saúde física e mental”.

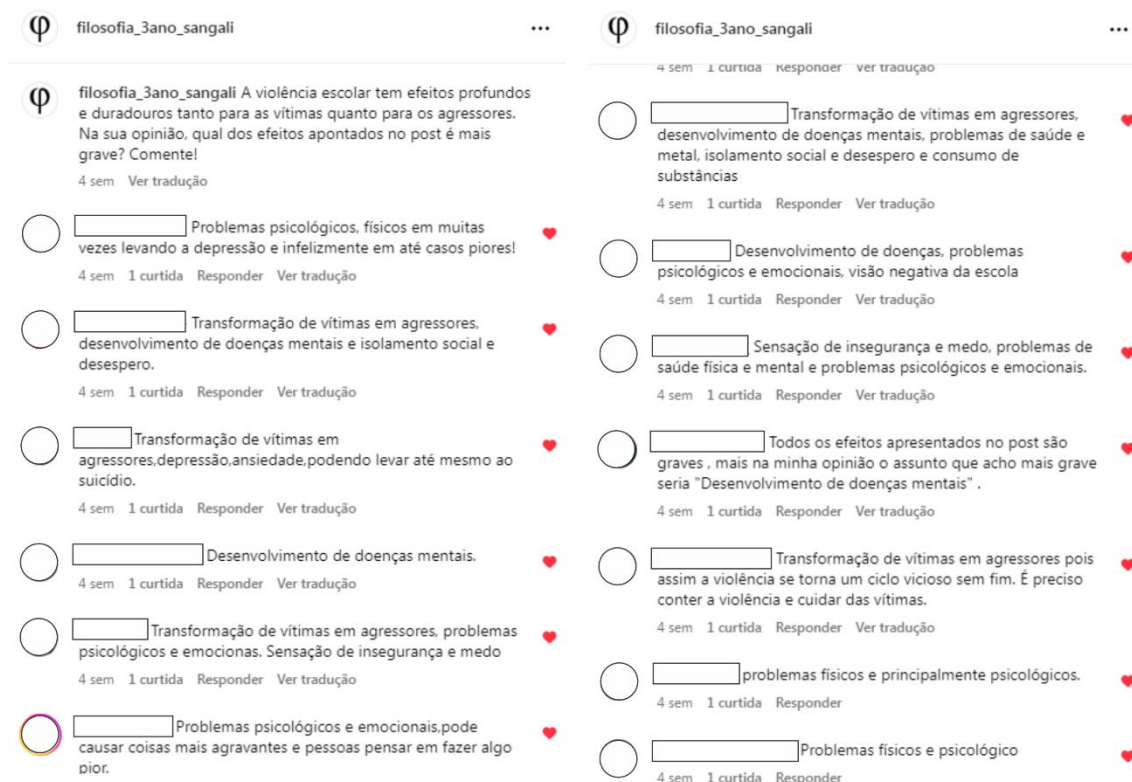
“Transformação de vítimas em agressores, desenvolvimento de doenças mentais e isolamento social e desespero”.

“Transformação de vítimas em agressores, agressores, depressão, ansiedade, podendo levar até mesmo ao suicídio”.

“Desenvolvimento de doenças mentais”.

“Problemas de saúde física e mental, para mim, são os pontos mais relevantes”.

“O desenvolvimento de doenças mentais como depressão, ansiedade e considerações de suicídio é o efeito que considera mais grave”.

Figura 3 – Respostas sobre efeitos da violência na escola

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Ao final da sequência de postagens e interações dos alunos, ocorridas de modo assíncrono, foi realizada uma aula para discussão sobre os posts e comentários feitos sobre o tema. O assunto tratado nas postagens foi retomado. Cada um dos fatores causadores e efeitos da violência foi comentado e detalhado, bem como os tipos e dados apontados pelos indicadores estatísticos em relação ao tema.

O encerramento da temática foi trazido aos alunos em aula síncrona, realizada separadamente em cada classe, para desenvolvimento de atividade de caráter avaliativo. A tarefa seria produzir um conteúdo para o *Instagram*, contendo imagem ou carrossel de imagens, bem como legenda para o post.

Cada turma foi dividida em quatro grupos, para desenvolverem a tarefa. O resultado da atividade foi também publicado no perfil da rede social direcionado para a pesquisa. Para isso, as produções foram enviadas à professora via *WhatsApp*.

Com vistas à conclusão da proposta pedagógica, o trabalho final sobre o tema não só teve o objetivo de desenvolver o aprendizado sobre o assunto abordado, como também reforçar as habilidades e competências quanto à utilização de ferramentas tecnológicas.

A fim de conhecer as ferramentas utilizadas no processo de construção da atividade com fins avaliativos, os alunos foram questionados em caixinha de perguntas sobre quais aplicativos e instrumentos de edição utilizaram para fazer os posts. As respostas elencaram os seguintes aplicativos: ferramentas do *Instagram*, *Canva*, *Chat GPT*, *Pinterest*, *Cap Cut*, *Pixelab* e pesquisas em sites de busca (Google).

Avaliação da abordagem didática

A coleta de dados final foi feita por meio da aplicação de um questionário, com o objetivo de aferir a satisfação, percepções, opções e preferências, além de observar as percepções sobre a experiência didático-pedagógica.

O instrumento de coleta de dados incluiu questões dicotômicas (sim e não), questões de múltipla escolha baseadas na escala *Likert* para mensurar atitudes e percepções, e questões de múltipla

escolha para captar as preferências nominais dos respondentes. Além disso, o questionário buscou avaliar o nível de satisfação, eficácia, interesse e motivação dos participantes em relação às estratégias pedagógicas propostas, proporcionando uma análise abrangente dos fatores que influenciam a interação e o engajamento no contexto educacional. As respostas coletadas proporcionaram uma avaliação da metodologia utilizada e ofereceram condições de entender sobre a compreensão da temática e do percurso com utilização de redes sociais e ferramentas tecnológicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados revela que a maioria dos alunos prefere métodos de aprendizado que envolvem tecnologia e redes sociais. Especificamente, 79,6% dos entrevistados indicaram que aprendem melhor utilizando essas ferramentas. Verificou-se que 77,6% dos entrevistados avaliaram positivamente essa abordagem. Isso sugere que a familiaridade com as plataformas digitais, conforme apontado por Oliveira e Barroco (2023) ao caracterizarem os alunos como 'nativos digitais'."

Este resultado corrobora também os achados de Batista, Silva e Sousa (2021), que observaram maior interesse em atividades mediadas por tecnologia. No entanto, diferentemente do estudo de Santos e Leite (2020), que apontou desafios na mediação docente em redes sociais, a presente pesquisa indicou uma percepção majoritariamente positiva da mediação, o que pode ser explicado pela criação de um perfil privado e exclusivo para a turma, que simulou uma comunidade de aprendizagem segura.

Nesta experiência, a rede social Instagram, tornou-se um 'terceiro espaço'. Originariamente, os 'terceiros espaços' referiam-se a espaços híbridos nos programas de formação inicial de professores, reunindo professores da Educação Básica e do Ensino Superior, visando associar o conhecimento prático profissional ao acadêmico, em novas formas, para aprimorar a aprendizagem dos futuros professores. No contexto presente, revelou-se no âmbito do Ensino Médio, da Educação Básica, formando uma comunidade, organizada e mediada, a fim de construir o conhecimento escolar de modo menos hierárquico (Zeichner, 2010).

Para Gutierrez (2008, p.152), em um terceiro espaço é "aumentado o potencial para uma forma expandida de aprendizagem e desenvolvimento". Gorodetsky e Barak (2008) também tratam estas comunidades híbridas como espécie de terceiro espaço, que incentivam um status mais igualitário para seus participantes.

A criação de um 'terceiro espaço' (Gutiérrez, 2008), híbrido entre o formal e o informal, e que garanta a privacidade e a segurança dos alunos, pode ser um fator determinante para o sucesso de intervenções pedagógicas em redes sociais, mitigando os riscos de exposição e dispersão

Segundo os dados levantados, o *Instagram* é a rede social mais utilizada no cotidiano pelos alunos, com 61,2% apontando-o como sua principal plataforma, seguido pelo *TikTok* com 20,4%. Este dado reflete a popularidade dessas plataformas entre os jovens e sua eficácia como ferramentas educacionais.

Os resultados revelam que 91,6% dos alunos concordam que essas atividades contribuíram para o aprimoramento de suas competências digitais. Observou-se que 87,5% dos alunos preferem aprender com atividades escolares que associam as aulas tradicionais a vídeos e atividades mediadas por plataformas digitais e redes sociais. Diferentemente, 12,5% optam por métodos tradicionais como aulas expositivas.

Os dados apontam que 91,6% dos alunos consideram as tecnologias digitais recursos que agregam motivação para aprender. A percepção de que as tecnologias digitais aumentam a motivação dos alunos reforça a necessidade de incorporá-las de maneira mais ampla nas práticas educativas.

Questionados se a utilização das plataformas digitais encoraja os alunos a fazerem perguntas e compartilhar ideias, os dados mostram que 70,8% dos alunos se sentiram encorajados a interagir mais ativamente, diferentemente dos demais, que não perceberam essa mudança. Esse dado sugere que as plataformas digitais podem criar um ambiente mais aberto e participativo para a troca de conhecimentos e ideias.

Quanto à eficácia dos meios tecnológicos para melhor compreensão sobre os temas abordados, 85,7% dos alunos relataram que aprender por meio de tecnologias digitais ajudou a entender melhor os temas abordados, em comparação com os métodos tradicionais

Quanto à potencialidade de as ferramentas digitais ajudarem a melhorar a capacidade dos alunos aprenderem e guardarem informações, verificou-se que 93,7% dos alunos acreditam que as TDICs contribuem para melhora da capacidade de aprendizagem e memorização das informações aprendidas.

87,5% dos alunos recomendariam o uso de tecnologias digitais para outros professores e alunos como uma forma eficaz de aprendizado. Este dado final reforça a aceitação generalizada e o reconhecimento do valor das tecnologias digitais no ambiente educacional.

Quanto à percepção dos alunos sobre a viabilidade de aprender sobre violência na escola através da rede social *Instagram*, os dados revelam que a grande maioria dos alunos acredita que o *Instagram* pode ser uma ferramenta eficaz para este propósito. Especificamente, 97,9% dos entrevistados responderam afirmativamente, indicando que consideram possível aprender sobre violência escolar por meio desta plataforma.

Esta percepção positiva pode ser atribuída a vários fatores. Primeiramente, o *Instagram* é uma rede social amplamente utilizada pelos jovens, o que facilita a integração de conteúdos educativos em seu cotidiano. Além disso, a natureza visual e interativa do *Instagram* permite a criação de conteúdos atraentes e envolventes, que podem captar a atenção dos alunos de maneira mais eficaz do que os métodos tradicionais de ensino.

A elevada aceitação do *Instagram* como ferramenta educativa sugere que há um potencial significativo para sua utilização em programas de prevenção à violência escolar. A criação de conteúdo específico, como posts informativos, *stories* interativos e vídeos educacionais, pode contribuir para aumentar o conhecimento dos alunos sobre os tipos de violência, suas consequências e formas de prevenção, bem como sobre outros assuntos.

Sobre a capacidade do *Instagram* de promover reflexão e debate sobre a violência escolar, a maioria dos alunos respondentes (97,9%) acredita que a rede social pode ser um meio eficaz para estimular discussões sobre este tema.

Tabela 1 – Variáveis da avaliação da abordagem didático-pedagógica

Variável investigada	% de concordância / escolha
Aprende melhor com tecnologia/redes sociais	79,6%
Avaliação positiva da abordagem	77,6%
Instagram como principal plataforma	61,2%
TikTok como principal plataforma	20,4%
Atividades digitais melhoram competências digitais	91,6%
Preferem método híbrido (tradicional + digital)	87,5%
Preferem apenas método tradicional	12,5%
Tecnologias aumentam a motivação	91,6%
Sentiram-se mais encorajados a participar	70,8%
Melhor compreensão com tecnologias	85,7%
TDICs melhoram aprendizagem/memorização	93,7%
Recomendariam o uso a outros professores	87,5%
Instagram viável para aprender sobre violência	97,9%
Instagram promove reflexão e debate	97,9%

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

A capacidade do *Instagram* de promover debates e reflexões pode ser explicada pelo seu formato interativo, que permite a troca de ideias e opiniões de forma dinâmica e acessível. As

funcionalidades da plataforma, como comentários, mensagens diretas e *lives*², facilitam a comunicação entre alunos, professores e especialistas, criando um ambiente propício para a discussão de temas complexos como a violência escolar.

Esses resultados destacam o potencial das redes sociais para complementar e enriquecer o ensino tradicional, oferecendo novas maneiras de engajar os alunos e de abordar temas sensíveis de forma acessível e interativa. Dada a receptividade dos alunos, recomenda-se a continuidade e a expansão do uso do *Instagram* e de outras redes sociais em iniciativas educativas, visando não apenas o aprendizado, mas também a formação de um ambiente escolar mais seguro e consciente.

Em questão proposta via caixinha de perguntas nos *stories*³ do *Instagram*, os estudantes se posicionaram sobre a experiência da atividade escolar mediada por rede social. Diante da pergunta "O que é melhor: só aula tradicional ou ter também atividades na rede social? Por quê?", foram apresentadas respostas que se situam favoráveis às aulas associadas às atividades na rede social.

Daí, então, retoma-se a questão central da pesquisa: "Como promover a compreensão, sensibilização, reflexão e debate sobre o tema da violência nas escolas de educação básica utilizando estratégias e ferramentas de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), e como o aumento do interesse pelos recursos digitais pode influenciar nesse processo?".

Confrontando os resultados encontrados, após a avaliação da abordagem didática, acredita-se que a pesquisa confirma a hipótese inicial de que a aplicação de estratégias e ferramentas de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) para abordar o tema da violência nas escolas de educação básica pode promover a sensibilização, reflexão e debate entre os alunos, pelo aumento do interesse pelos recursos digitais.

A integração de redes sociais, especificamente o *Instagram*, como ferramenta pedagógica, pode aumentar o engajamento e a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Marino (2018), a introdução de tecnologias digitais nas práticas educativas está em consonância com a evolução social (Marino, 2018). Esse cenário foi evidenciado pelos resultados da pesquisa, onde 91,6% dos alunos afirmaram que o uso de tecnologias digitais, incluindo as redes sociais, contribuiu para uma melhor compreensão dos temas abordados, especialmente sobre violência nas escolas.

Além disso, a literatura aponta que as tecnologias digitais democratizam o acesso ao conhecimento e podem ser usadas para criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e interativo (Marino, 2018). Isso foi corroborado pelo feedback positivo dos estudantes, com 87,5% preferindo métodos de ensino que combinam aulas tradicionais com atividades digitais. A interação promovida pelo *Instagram* demonstrou ser eficaz para motivar os alunos e encorajá-los a participar ativamente do processo educacional. A maioria dos alunos (97,9%) acreditou na viabilidade do *Instagram* para aprender sobre temas complexos como a violência escolar, e 70,8% sentiram-se mais encorajados a fazer perguntas e compartilhar ideias usando plataformas digitais.

Os comentários dos alunos ao final do trabalho reforçam essa percepção, destacando a valorização da combinação entre o método tradicional e o uso de redes sociais. Um dos alunos comentou: "A junção das duas maneiras torna a aula mais criativa e interessante!", evidenciando a eficácia da integração das TDICs no processo educacional. Outro estudante acrescentou: "*Instagram* desperta mais o interesse e desempenho dos alunos!", demonstrando que a familiaridade com a plataforma aumenta a motivação e o envolvimento nas atividades escolares. Ainda, foi destacado que "Atividade na rede social estimula o aluno a usar a internet pra poder aprender!", confirmando a utilidade das redes sociais como ferramentas pedagógicas eficazes.

Este alto índice de aceitação, aliado à percepção de 97,9% dos alunos de que o *Instagram* é viável para aprender, reforça o argumento central deste artigo: a proibição do celular (Lei 15.100/25) não deve significar a exclusão das TDICs, mas sim a necessidade de seu uso planejado e orientado, como uma estratégia pedagógica legítima e eficaz, e não como uma distração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

² Lives: do singular *live*, transmissão de vídeo ao vivo (Instagram, 2024).

³ Stories são publicações de fotos ou vídeos, compartilhadas no *Instagram*, que desaparecem do após 24 horas (Instagram, 2024).

O estudo desenvolvido responde positivamente ao problema de pesquisa, comprovando que o uso do Instagram no contexto pedagógico foi eficaz em engajar os estudantes e promover discussões significativas sobre violência escolar.

No decorrer da investigação, além de evidenciar a complexidade do fenômeno, os múltiplos fatores para sua incidência e suas consequências, a pesquisa destacou o papel da escola de trabalhar de forma preventiva em promover uma cultura de respeito e não-violência, ao desenvolver competências éticas e sociais.

Outra verificação relevante foi sobre a legislação brasileira apontar também para a necessidade de os estudantes desenvolverem habilidades tecnológicas compatíveis com as práticas e demandas contemporâneas, demonstrando a importância de abarcar as habilidades e competências digitais.

A originalidade do estudo envolve a utilização de redes sociais em atividades didático-pedagógicas para a educação básica, tanto pelo aspecto de conscientização e prevenção da violência, quanto no contexto da proibição do uso do celular e dispositivos eletrônicos nas escolas. Além disso, abarca a concepção da rede social Instagram como 'terceiro espaço', para ampliar as possibilidades de desenvolvimento de competências e habilidades, de forma híbrida e menos hierarquizada.

Ainda no contexto da Lei 15.100/25, as TDICs são recursos didático-pedagógico para a abordagem da violência escolar e outras abordagens educacionais, ainda que de forma assíncrona, desde que utilizados de forma mediada, planejada, orientada com objetivos claros e estratégias bem definidas.

O potencial das redes sociais como ferramentas interação pode ser utilizado para transformar o processo de ensino-aprendizagem, incentivando métodos mais atraentes, dinâmicos e centrados no protagonismo do aluno, estimulando sua autonomia, criatividade e engajamento nas atividades escolares.

A amostra de pesquisa é pequena e localizada. O estudo foi elaborado antes da vigência da lei, e a aplicação prática agora, com a lei em vigor, pode trazer novos desafios. Recomenda-se a replicação do estudo em outras escolas e contextos socioeconômicos, bem como a investigação do impacto de estratégias semelhantes em diferentes disciplinas e com alunos de outras faixas etárias, a fim de validar e refinar o modelo proposto.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. E-PUB.

BARBIERI, Bianca da Cruz; SANTOS, Naiara Ester dos; AVELINO, Wagner Feitosa. Violência escolar: uma percepção social. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 7, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/7/violencia-escolar-uma-percepcao-social>. Acesso em: 8 mar. 2024.

BATISTA, Marília Quaresma; SILVA, Maria Célia Ribeiro da; SOUSA, Ianna Maria Sodrê Ferreira de. O uso das TICs como recurso didático no processo de ensino-aprendizado de língua portuguesa: implicações dessa interface em sala de aula. *Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB*, João Pessoa, n. 54, p. 121-129, mar. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021v1n54p121-129>.

BRASIL TEM histórico de alto índice de violência escolar: veja dados sobre agressão contra professores. *G1*, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

BRASIL TEVE mais de 10 ataques a creches e escolas desde 2011; relembre. *G1*, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/brasil-teve-mais-de-10-ataques-a-creches-e-escolas-desde-2011-relembre.ghtml>. Acesso em: 5 maio 2023.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Restrição ao uso do celular nas escolas já está valendo. *Governo Federal*, Brasília, DF, 3 fev. 2025b. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/restricao-ao-uso-do-celular-nas-escolas-ja-esta-valendo>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BRASIL. Senado Federal. Violência nas escolas. *Instituto de Pesquisa DataSenado*, Brasília, DF, jun. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/quase-7-milhoes-de-brasileiros-sofreram-violencia-no-ambiente-escolar-nos-ultimos-12-meses>. Acesso em: 17 out. 2023.

BRASIL. *Lei nº 15.100, de 11 de março de 2025*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a liberdade de escolha da família da escola de educação básica para matrícula dos filhos. Brasília, DF: Presidência da República, 11 mar. 2025a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/115100.htm. Acesso em: 20 fev. 2026.

CAMILO, José Vítor; PENAFORTE, Raquel. Ameaça de massacre leva à debandada de alunos e até remarcação de prova em BH. *O Tempo*, Belo Horizonte, 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/ameaca-de-massacre-leva-a-debandada-de-alunos-e-ate-remarcacao-de-prova-em-bh-1.2847144>. Acesso em: 5 maio 2023.

CGI.BR. Comitê Gestor da Internet no Brasil; Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2024*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2025. E-book. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2024/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

CÓRREGO FUNDO. Prefeitura Municipal. *Portal da Prefeitura Municipal de Córrego Fundo*. Córrego Fundo. Disponível em: <https://corregofundo.mg.gov.br/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

DICIO. Brainstorms. *Dicio, Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/brainstorms/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

ESCOLA ESTADUAL PADRE JOSÉ SANGALI. *Projeto Político Pedagógico 2022*. Córrego Fundo: EE Padre José Sangali, 2022.

FERREIRA DE MELO, D. S.; COUTINHO, E. F. A aplicabilidade das tecnologias digitais em contexto de vulnerabilidade social na Educação Básica: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Educar Mais*, [S. l.], v. 6, p. 1078–1092, 2022. DOI: 10.15536/reducarmais.6.2022.2984.

FRAZÃO, Fernando. Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil. *BBC NEWS Brasil*, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckryl4epnpeo>. Acesso em: 5 maio 2023.

GIL, Antonio C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. Barueri: Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>. Acesso em: 8 jun. 2024.

GIL, Antonio C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2024. E-book. ISBN 9788597020991. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>. Acesso em: 8 jun. 2024.

GOMES, L. E. S. et al. Os efeitos da violência escolar na saúde mental infanto-juvenil. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, [S. l.], v. 16, n. 10, p. 23908–23933, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.10-306. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2480>. Acesso em: 5 mar. 2024.

GORODETSKY, M.; BARAK, J. The educational-cultural edge: a participative learning environment for co-emergence of personal and institutional growth. *Teaching and Teacher Education*, [S. l.], v. 24, n. 7, p. 1907-1918, 2008.

GUTIERREZ, K. Developing sociocultural literacy in the third space. *Reading Research Quarterly*, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 148-164, 2008.

INSTAGRAM. Como funciona o feed do Instagram. *Central de Ajuda do Instagram*. Disponível em: https://help.instagram.com/1660923094227526/?helpref=hc_fnav&locale=pt_BR. Acesso em: 18 ago. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Pisa. *Gov.br*, Brasília, DF, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>. Acesso em: 30 jan. 2026.

LÁZARO JUNIOR. Menina de 13 anos suspeita de planejar massacre em escola é apreendida com espingarda e revólver. *Hoje mais Araçatuba*, Araçatuba, 2 maio 2023. Polícia. Disponível em: <https://www.hojemais.com.br/aracatuba/noticia/policia/menina-de-13-anos-suspeita-de-planejar-massacre-em-escola-e-apreendida-com-espingarda-e-revolver>. Acesso em: 5 maio 2023.

LIMA, Simone Gabriely da Silva; SANTOS, Maria das Graças dos; PINHEIRO, Marcus Túlio de Freitas. A evolução tecnológica e os impactos no processo educacional. In: EDITORA POISSON (org.). *Educação no Século XXI: formação docente, tecnologia na educação*. Belo Horizonte: Poisson, 2019.

MARINO, Leonardo. A falência do modelo escolar tradicional e a necessária construção de uma educação integral e comunitária. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 19-30, jul./dez. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343431526_A_FALENCIA_DO_MODELO_. Acesso em: 19 fev. 2026.

NEGREIROS, Rosineia de Souza; D'AROZ, Marlene Schüssler. Escola e violências entre olhares e perspectivas: uma revisão integrativa de literatura. *Cognitionis Scientific Journal*, [S. l.], v. 6, n. 1, 20 jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.38087/2595.8801.194>. Disponível em: <https://revista.cognitionis.org/index.php/cogn/article/view/247>. Acesso em: 6 mar. 2024.

OLIVEIRA, Alessandra Ferreira da Silva; COSTA, Cleide Jane de Sá Araújo. Avaliação da aprendizagem e redes sociais: uma análise sobre o uso do Instagram como prática pedagógica sob uma

perspectiva de avaliação mediadora. *EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, [S. l.], v. 14, n. 1, 5 abr. 2023. DOI: <https://doi.org/10.51359/2177-9309.2023.257088>.

OLIVEIRA, F. A. F. de; BARROCO, S. M. S. Revolução tecnológica e smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, [S. l.], v. 28, p. e51648, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v28i0.51648>.

OLIVEIRA, Fabiana; NOBRES, Juirana; LOPES, Viviane. Ataque em escolas deixa três mortos e 13 feridos em Aracruz, no ES. *G1*, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/11/25/ataques-em-duas-escolas-deixam-feridos-em-aracruz-norte-do-es.ghtml>. Acesso em: 5 maio 2023.

OLIVEIRA, V. C.; DUTRA, N. M.; LUDGERO, L. F. Temos projetos e temos polícia: a visão dos diretores sobre as estratégias de prevenção à violência em contexto escolar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 104, e5342, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.104.5342>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/mN7FYMfWYWkV4kHW8gsMbvK/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

PAULA E SILVA, J. M. A. de; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, Curitiba, n. spe2, p. 217–232, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/58prxNcd4bFt6cLF9swktFL/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 5 mar. 2024.

PIMENTEL, Carolina. Pisa: uso excessivo de dispositivo digital afeta desempenho de alunos. *Agência Brasil*, Brasília, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-12/pisa-uso-excessivo-de-dispositivo-digital-afeta-desempenho-de-alunos>. Acesso em: 30 jan. 2026.

PROFESSORA morre e 4 ficam feridos: aluno com faca faz ataque em escola de SP. *BBC NEWS Brasil*, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx859ngdj35o>. Acesso em: 5 maio 2023.

RODRIGUES, Léo. Crescem casos de ataques em escolas: especialistas dizem o que fazer. *Agência Brasil*, Brasília, 7 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/crescem-casos-de-ataques-em-escolas-especialistas-dizem-o-que-fazer>. Acesso em: 5 maio 2023.

SANTOS, Emily. Brasil tem 24 ataques em escolas em duas décadas; relatório cobra políticas públicas. *G1*, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/05/brasil-tem-24-ataques-em-escolas-nas-ultimas-duas-decadas-relatorio-cobra-politicas-publicas.ghtml>. Acesso em: 5 maio 2023.

SANTOS, M. L. B.; LEITE, A. E. Contribuições das redes sociais da internet para o ensino de ciências. *#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, v. 9, n. 2, 2020. DOI: 10.35819/tear.v9.n2.a4064.

SILVA, B. P.; SILVA, A. L. M. M. da; XAVIER, L. E. O uso do celular no processo de ensino aprendizagem. *Revista Foco*, [S. l.], v. 18, n. 4, p. e8292, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n4-091.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NEGREIROS, Fauston. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 327-340, dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20200027>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862020000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 mar. 2024.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, Curitiba, n. spe2, p. 217–232, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/58prxNcd4bFt6cLF9swktFL/?lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2024.

SOUZA, K.; CUNHA, M. X. C. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 204-217, 26 dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i3.156>.

TRINDADE, Dominique Helen Silva et al. A utilização das TICs nas aulas de História e Projeto de Vida: um relato de experiência. *Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 196–212, 2023. DOI: [10.21680/1984-3879.2023v23n2ID33373](https://doi.org/10.21680/1984-3879.2023v23n2ID33373).

VINHA, Telma et al. *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos*. 1. ed. São Paulo: D3e, 2023. E-book.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 479-504, set./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2357>. Acesso em: 20 fev. 2026.

Submetido: XX/XX/XXXX

Aprovado: XX/XX/XXXX

Editor(a) de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados de apoio aos resultados desse estudo foram publicados no próprio artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autor 1 – Mestre em Gestão, Planejamento e Ensino pelo Centro Universitário UNINCOR e tutora on-line no Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG. Responsável pela pesquisa, análise dos dados, resultados e escrita final.

Autor 2 – Doutor em Biologia Oral. Docente e orientador no Mestrado do Centro Universitário UNINCOR.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.